



## FIGURAÇÕES DA MEMÓRIA: FICÇÕES DE SILVIANO SANTIAGO

Evelina Hoisel (UFBA -  
Pesquisadora do CNPQ)

**RESUMO:** Estas reflexões sobre a obra ficcional de Silviano Santiago procuram afirmar a existência de um projeto literário que se constitui através das figurações da memória e evidenciar como neste projeto fundem-se literatura, história e memória. Estas ligações são constantemente reconfiguradas pelas escritas de Santiago, que fazem dos jogos da diferença um procedimento importante da construção narrativa. Nestas considerações, a discussão pretende focalizar os textos *Heranças* (2008) e *Anônimos* (2010), ainda que referências às obras anteriores a estas publicações apareçam no sentido de compreender os trânsitos que se estabelecem através das mais diversas perspectivas, nesta pluralidade de discursos que constitui a produção ficcional de Silviano Santiago. No desenrolar das reflexões, define-se a memória como máquina de arquivamento e a literatura como memória torna-se a possibilidade de registrar uma multiplicidade de versões da história individual e coletiva. A expressão máquina de arquivamento é inspirada no romance *Heranças*, onde o protagonista narrador, coincidentemente um escritor que escreve sua autobiografia, tem como principal auxiliar um computador, uma máquina que o incita a escrever suas recordações e a armazená-las para deixar como herança para seus leitores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Silviano Santiago; memória, literatura; história.

**ABSTRACT:** The following reflections on Silviano Santiago's fictional works seek to affirm the existence of a literary project which is built through figures of memory, bringing into evidence a fusion of literature, history and memory. Such connections are constantly reconfigured by Santiago's writings, which turn the plays of difference into an important procedure of narrative building. In our considerations, the discussion intends to focus on the texts *Heranças* (2008) and *Anônimos* (2010), even though previous works are also brought to reference so as to understand the relationships established through the most diverse perspectives in the plurality of discourses that make up Silviano Santiago's fictional production. In the course of the reflections, memory is defined as a filing machine, and literature as memory becomes the possibility of registering multiple versions of individual and collective history. The expression filing machine is inspired in the novel *Heranças*, where the protagonist and narrator, coincidentally is a writer who writes his autobiography, and has as his main support a computer, a machine which stimulates him to write his recollections, storing and leaving them as a legacy to his readers.

**KEY-WORDS:** Silviano Santiago, memory, literature, history.

A proposta do *Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino Americano* e do *X Seminário Nacional Literatura, História e Memória* é um convite instigante para pensar a produção de Silviano Santiago, retrazendo os riscos da memória, as figurações da memória que percorrem os textos ficcionais e teórico-críticos desse intelectual pós-moderno.

Wander Melo Miranda, em seu ensaio “Memória: modos de usar”, publicado em 2008, faz a seguinte afirmativa sobre o tema da memória na obra de Silviano Santiago:

*./.../ a memória para Silviano Santiago é sempre memória em diferença, urdidura espacial de um tecido para o qual convergem fios de temporalidades distintas, sempre renovadas no seu entrelace. Daí ela ser também evocação e profecia de “coisas que não tinham ainda acontecido”, como ocorre na ficção-ensaio *Em liberdade*. (CUNHA, 2008, p. 100).*

E, ainda, como ocorre na abordagem da velhice e da morte em outro texto, *De cócoras* (1999), uma “espécie de memória do futuro incerto e esperado” (CUNHA, 2008, p. 103). Em *De cócoras*, observa Wander Miranda, “Não há ponto de retorno, a não ser a memória do menino, sob o esquite da mãe morta: memória de uma impossibilidade de retorno ao passado ou projeção de um futuro fadado a não se cumprir como promessa de felicidade para Toninho/Antonio”. (CUNHA, 2008, p. 105).

Wander Miranda inicia seu ensaio com um poema de *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*, de 1978, porém o seu estudo percorre diversos livros de Silviano Santiago – *Em Liberdade* (1981), *Viagem ao México* (1995), *Stella Manhattan* (1993), *O falso mentiroso: memórias* (2004), *Histórias mal contadas* (2005) –, destacando os modos de usar a memória e assinalando como memória e ficção se confundem na configuração do sujeito da escrita, quando a visão da “cena originária” revela aos personagens os “caminhos do desejo e, ao escritor, os traços que irão especificar o procedimento memorialístico de seus textos por vir. (CUNHA, 2008, p. 98).

Se recorreremos às considerações de Wander Melo Miranda, é porque elas sintetizam de forma econômica, porém bastante produtiva, alguns dos aspectos que pretendemos tratar em nossas reflexões: confirmar a existência de um projeto ficcional que continua montado nas figurações da memória e evidenciar como neste projeto fundem-se literatura, história e memória. Estas ligações são constantemente reconfiguradas pelas escritas de Silviano Santiago, que fazem dos *jogos da diferença*, como destacou Wander Miranda em relação à memória, um

procedimento importante da construção narrativa. Nesta perspectiva, a discussão pretende focalizar os textos mais recentes – *Heranças* (2008) e *Anônimos* (2010) ainda que as referências às obras anteriores a estas publicações compareçam no sentido de compreendermos os trânsitos que se estabelecem através das mais diversificadas perspectivas, nesta pluralidade de discursos que constitui a produção ficcional de Silviano Santiago.

Interessa-nos afirmar, desde logo, que definimos a memória como máquina de arquivamento e a literatura como memória torna-se a possibilidade de registrar uma multiplicidade de versões da história individual e coletiva. A expressão máquina de arquivamento é inspirada na temática do romance *Heranças*, onde o protagonista narrador, coincidentemente um escritor que escreve a sua autobiografia, tem como principal auxiliar um computador, uma máquina que o incita a escrever suas recordações e a armazená-las para deixar como herança para os seus leitores.

A repercussão da encenação da memória neste romance é bastante singular pois, através dela, Silviano Santiago parece dramatizar uma questão teórica das mais fecundas do seu pensamento, no que diz respeito às ideias do platonismo. O computador, como uma máquina de escrita, é também uma máquina de armazenar a memória de um sujeito, de arquivar as grafias da vida do personagem narrador, o escritor Walter. Ele seria, portanto, uma memória morta – uma *hypómnesis*, na concepção dos gregos –, porém, em *Heranças*, ele atua como uma força mobilizadora das memórias do protagonista-escritor, a herança que ele pretende deixar arquivada no hardware para os seus leitores.

Neste romance, predomina o teor confessional do relato um tanto no estilo do século XIX, em um diálogo bastante explícito com Machado de Assis, mediatizado pela narrativa de *Dom Casmurro*. A introdução desse traço confessional merece destaque, uma vez que Silviano Santiago adota uma linearidade narrativa que se constitui em um flashback, deslocando procedimentos narrativos de suas ficções anteriores a esta de 2008, montadas através de fragmentos, num jogo constante de fragmentação do narrador e do narrado, uma escrita mais labiríntica, onde se teatralizam questões teóricas bastante complexas, como é o caso de *O falso mentiroso: memórias*, já caracterizado como um teatro filosófico: lugar de reelaboração de conceitos relacionados à problemática da representação literária, como as noções de verdade, mentira, cópia, ficção, interpretação, além da própria noção de memória e suas relações com a ficção.

Em *Heranças*, o escritor Walter, velho casmurro solitário, que mora em um rico apartamento em Ipanema, no Rio de Janeiro, onde decidiu passar os últi-

mos anos de sua vida, ao recordar a sua adolescência vivida na cidade de Belo Horizonte, lugar onde nasceu, escreve a sua autobiografia, fundindo memória, literatura e história. As encenações da memória resgatam em flashback as ações do protagonista adolescente, norteadas pela reconstrução das histórias das suas relações sexuais e amorosas, apresentadas ao leitor em um tempo anterior ao da escrita, mas informa também sobre as peripécias do escritor Walter como um inescrupuloso herdeiro da fortuna do pai, uma herança adquirida de maneira ilícita.

Interessa ao narrador-protagonista compreender os acontecimentos de sua vida que permanecem como uma incógnita, assumindo a herança machadiana de convocar o leitor para participar da decifração do passado remoto, que se apresenta como um texto escrito em hieróglifo e precisa ser decifrado. Declara Walter no início de sua narrativa:

Só me interessam --- possível leitor destas páginas – os atos de vida que não cheguei a compreender e os acontecimentos que permanecem como incógnita. /.../ Pela correspondência entre os dados decifrados de episódio vivido e as criptografias dum outro, e pelo jogo entre o incompreensível e o já solucionado e assimilado pela consciência, é que irei destrinchar minha experiência de vida para melhor comunicá-la a você, que por ventura venha a se interessar por ela. (SANTIAGO, 2008, p. 16).

A recordação da vida amorosa e financeira de Walter traz à cena de *Heranças* o resgate de uma memória histórica e cultural do Brasil, que vai do governo de Juscelino Kubitschek ao final do governo Lula, tendo como cenário a provinciana Belo Horizonte e o Rio de Janeiro, antiga capital do Brasil, “hoje um balneário decadente, sustentado pelo lucro fácil, audacioso e mortífero do tráfico de drogas entorpecentes”. (SANTIAGO, 2008, p.9). Ao atravessar este período histórico a partir das trapaças da burguesia, Silvano Santiago faz uma crítica corrosiva à sociedade e à economia do Brasil.

Aliás, uma crítica um tanto semelhante àquela que se realiza em *O falso mentiroso*. Contudo, nas memórias do protagonista-narrador Samuel Carneiro de Souza Aguiar, ao contrário das confissões de Walter, não há possibilidade de reconstrução linear e unívoca da sua subjetividade. Os impasses e as dificuldades para a reconstrução autobiográfica de Samuel Carneiro de Souza Aguiar são apresentados desde a sua própria origem, que é constantemente problematizada: um pai, um obscuro mentiroso, falso até na paternidade. O filho, falso descendente do pai. Samuel Carneiro de Souza Aguiar não tem apenas uma versão para

o seu nascimento, porém diversas versões que vão sendo recuperadas e remontadas, construídas e reconstruídas, como no processo de fabulação da psicanálise, e todas elas podem ser verdadeiras elegítimas, falsas e mentirosas.

Samuel expõe as imposturas do pai, fornecendo um retrato da sociedade do Rio de Janeiro nos anos de 1940 e, por essa via, uma versão atualizadíssima do Brasil. As peripécias do pai de Samuel, aparentemente um conceituado advogado do Rio de Janeiro, com escritório na Avenida Rio Branco, mas que vivia dos lucros da produção e da exportação de camisas-de-vênus, são exibidas cruamente, sem nenhum pudor nem repressão, em um tom sarcástico, grotesco, lúdico e alegre. Projeto de alto risco, corajoso, dessa primeira pessoa que narra a sua história expondo as mazelas de sua própria família. Projeto de risco do escritor Silviano Santiago que encena suas histórias expondo as feridas e as cicatrizes retidas na memória individual e coletiva.

Sob determinados aspectos, *Heranças* assume também este risco, uma vez que o escritor Walter expõe, de forma cínica e jocosa, os imbróglis da sua vida sexual e da sua vida financeira que se inicia com o assassinato de uma irmã para usurpar a herança. Todavia, como se trata da autobiografia (fictícia) de um personagem autor, o narrador se apresenta imbuído da sinceridade daqueles que estão marcados pela morte. Walter declara que ao chegar aos setenta anos de idade, prepara-se para a morte, por isso o tom confessional da sua escrita.

Esta questão do confessional propõe algumas reflexões, pois é um traço que distingue este romance das narrativas anteriores de Silviano Santiago, que se constituem como autobiografias, diários, memórias, todas registrando dados autobiográficos do escritor Silviano Santiago, dramatizando também questões teóricas que constituem o seu projeto intelectual e cultural. Como já foi anotado anteriormente, o teatro filosófico em que se constitui *O falso mentiroso* explicita este aspecto aqui colocado.

Existem diversos biografemas no texto de *Heranças* que nos remetem para marcas da vida do escritor Silviano Santiago – o protagonista Walter é também um escritor, nasceu em Belo Horizonte, mora no Rio de Janeiro, tem setenta anos, dados que coincidem com a biografia de Santiago. Por sua vez, questões teóricas de seu pensamento podem ser encontradas na narrativa confessional de Walter, para quem

A memória domina mais a linguagem – isto é, o extravasamento dos sentimentos em palavras – do que cada um de nós gosta de acreditar. Foi acostumado a acreditar. A memória é mistério e trafega pela linguagem à semelhança do barco a vela pelo mar, impulsionado pelo vento previsível e imprevisível do amanhecer.” (SANTIAGO, 2008, p. 390).

Como entender esse teor confessional presente no texto de 2008, a partir de uma declaração de Silviano Santiago de que seus textos não são confessionais, mas autobiográficos? No ensaio “Meditação sobre o ofício de criar”, publicado na revista *Aletria*, em 2008, ele estabelece uma distinção entre autobiografia e confissão, explicitando a diferença da seguinte forma:

Os dados autobiográficos percorrem todos os meus escritos, e, sem dúvida, alavanca-os, deitando por terra a expressão meramente confessional. Os dados autobiográficos servem de alicerce na hora de idealizar e compor meus escritos, e eventualmente, podem servir ao leitor para explicá-los. Traduzem o contato reflexivo da subjetividade criadora com os fatos da realidade que me condicionam, e os da existência, que me conformam. /.../ já o discurso propriamente confessional está ausente de meus escritos. Nestes, não está em jogo a expressão despuída e profunda de sentimentos e emoções secretas. (SANTIAGO, *Aletria*, 2008, p. 173).

Como anotamos no início destas reflexões, *Heranças* diferencia-se das narrativas anteriores de Silviano Santiago, por optar por um processo de construção linear e em flashback, como se retomasse a tradição narrativa do século XIX, considerando-se o diálogo que estabelece com os textos de Machado de Assis – *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*. Nos textos anteriores – *Em liberdade*, *Viagem ao México*, *Stella Manhattan*, *O falso mentiroso* –, os procedimentos construtores das narrativas dramatizam de forma vigorosa os processos de reelaboração da memória e dos dados autobiográficos, a partir da fragmentação do narrador e do narrado. Por que então a opção pelo confessional e pela linearidade da narrativa de *Heranças*?

Karl Posso, na orelha do livro *O falso mentiroso*, define o narrador de Silviano como astucioso. Podemos afirmar a mesma característica para os demais narradores deste escritor, inclusive Walter, ao resgatar e escrever as suas confissões. Pois na linearidade dos acontecimentos recordados, que envolvem o assassinato de Filinha, a irmã da qual ele usurpa a herança, o escritor Silviano Santiago, travestido – transmigrado? – no escritor Walter, introduz dispositivos de suspensão da linearidade e do confessional, que é também um procedimento de suspense narrativo: várias hipóteses são trazidas para o acidente que causou a morte de Filinha, mulher de Vitorino, e irmã de Walter. E como declara o narrador, “o acidente automobilístico era apenas uma das causas. Sem dúvida, a fatal.” (SANTIAGO, 2008, p. 99).

Confessar o crime no final da vida, como faz o protagonista, é expurgar

uma culpa. Por sua vez, deixar sua fortuna para o cunhado Vitorino, marido de Filinha, é também a oportunidade para redimir-se do crime. As diversas versões apontadas para a morte da irmã funcionam como uma espécie de suspensão do teor confessional da narrativa, lançando o narrado no terreno da incerteza, trazendo um caráter impreciso e precário para o relato que dissimula a gravidade da revelação. Optar pelas confissões, como faz Walter, parece ser uma estratégia da memória para dar veracidade ao sentimento que o mobiliza ao escrever os relatos de uma vida, tendo como testemunha o leitor, a quem lega sua narrativa antes da morte.

Cito um trecho do final do romance, onde aparecem algumas figurações da memória:

Concluo o óbvio. Não há mais nada a ser extraído das águas passadas. Esvaziou-se o poço da memória. As águas idas e vividas foram plenamente revividas. Ou melhor, no correr dos últimos meses, a água empoçada metamorfoseou-se em frases. Contidas pela nova forma, os baldes de água foram, semana após semana, transportados e depositados virtualmente na cacimba do Microsoft Word. No depósito, empilharam-se parágrafos e mais parágrafos, páginas e mais páginas. Um horror de capítulos a assustar o menos desavisado dos cristãos. São a cópia perfeita e aperfeiçoada da água que veio jorrando do poço da memória. Como não há mais água para se retirar do poço com o balde da escrita, há que se requisitarem trabalhadores para cavarem mais fundo, em busca de lençóis subterrâneos. (SANTIAGO, 2008, p.361)

/.../ O problema não é mecânico. É humano. O presente ipanemense deixa de ser o que tem sido – laborioso e fascinante. Tornou-se o que nunca deveria chegar a ser: cópia do vazio infinito da existência. (SANTIAGO, 2008, p.364).

Logo no início do romance, todavia, a memória tinha sido denominada de “boi-memória” que se “alimenta de capim-gordura nos pastos das antigas camaradagens” (SANTIAGO, 2008, p.10), numa referência ao pasto da memória, imagem retirada de um poema de Carlos Drummond de Andrade, localizado em *Boi Tempo*. Muitas citações literárias estão inscritas em *Heranças*, afirmando uma concepção de que literatura é também memória de uma tradição, é arquivo que guarda e expõe os dados que pertencem ao acervo da literatura e da cultura. Referências a Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa, Shakespeare e muitos outros escritores que se encontram enxertados no texto escrito por Walter, apontam para a presença do escritor e crítico – do leitor –

Silviano Santiago, que faz do espaço literário um amontoado de arquivos da memória individual e coletiva.

Na concepção literária de Silviano Santiago, a memória como máquina de arquivamento pode estar registrada no corpo – como as marcas no corpo de Graciliano Ramos, na ficção *Em Liberdade*, eno corpo de Antonio/Toninho, em *De cócoras*, cuja postura corporal evoca a posição do menino debaixo da mesa, onde se encontra o caixão da mãe morta. A memória está também inscrita através dos torcicolos do personagem-protagonista de *O falso mentiroso*, metáfora que traduz os traumas da falta da mãe, que sustenta os processos de dramatização do nascimento de Samuel Carneiro de Souza Aguiar.

Em um dos contos de *Keith Jarrett no Bleu Note*, encontra-se a afirmação: “o branco é a cor da memória dos dias que passaram” (SANTIAGO, 1996, p.29). Neste conto – *Autumnleaves* (folhas secas)– a memória branca é a figura que traduz as experiências superficiais, que não se completam e não deixam seus rastros no bloco mágico da memória. Vivências que se dão ao ritmo do jazz, e que se contrapõem à experiência traumática da perda da mãe do menino Antonio, de cócoras, procurando aconchego debaixo do caixão da mãe morta e que, mesmo na velhice, ainda perplexo resiste a encarar tal perda. A cena traumática, inscrita na memória pela intensidade de sua incisão e como contraponto da memória branca, volta a aparecer em *O falso mentiroso*, onde o protagonista busca preencher a falta materna narrando as diversas versões de sua origem, todas elas falsas e verdadeiras.

Este dado ficcional – a perda da mãe, que aparece como tema recorrente na escrita de Santiago - constitui também um elemento de sua reflexão crítica. Em “Meditação sobre o ofício de criar”, já citado anteriormente, ao elaborar a diferença entre autobiografia e ficção, e referindo-se ao teor autobiográfico de seus textos, Silviano Santiago declara que a falta da mãe constitui um traço da sua autobiografia e que a distinção entre o “autobiográfico e o confessional ganhou corpo textual no momento em que comecei a conjugar minha própria experiência infantil de vida com o auxílio de verbos de minha memória” (Aletria, 2008, p. 175), acrescentando: “Criava falas autobiográficas que não eram confessionais, embora partissem do cristal multifacetado que é o trágico acidente da perda materna.” (Aletria, 2008, p.176)

Compreende-se, por essa via, a preferência de Silviano por determinados gêneros discursivos, como diários (*Em liberdade*), memórias e autobiografias (*De cócoras*, *Uma história em família*, *O falso mentiroso*, *Heranças*), tipologias que são reinventadas em cada texto, promovendo o deslocamento da sua condição tradicional de veracidade, de autenticidade e delegitimidade, adquirindo assim o



estatuto de ficção.

Se as figurações da memória tornam-se traços recorrentes nos textos de Silviano Santiago, conforme estamos considerando, ela está a serviço da ficção. Contudo, embora a força propulsora da ficção seja um dado da biografia do escritor, sua produção transita por muitos lugares ou espaços – do social, do histórico, do cultural.

Em entrevista concedida a João Pombo Barile, intitulada “Retratos do homem comum,” no Jornal *O tempo* ([www.otempo.com.br/otempo/noticias](http://www.otempo.com.br/otempo/noticias); 28/10/2010), entrevista realizada quando foi publicado o livro *Anônimos* (2010), Silviano comenta:

Qualquer escritor ambiciona sair do seu casulo e enxergar o que lhe é, ao mesmo tempo, distante e próximo. /.../ *Anônimos* parte duma resolução: a de memorizar a presença de algumas dessas pessoas e, ao mesmo tempo, emprestar-lhe uma vida, que iria oscilar entre os dados e as palavras ouvidos e observados por mim e a necessidade de dar-lhes a voz, o corpo e a mente dum personagem numa trama ficcional. /.../ Indiscreto, descobri o modo como os populares organizam suas vidas, vivem e pensam. A maneira como reagem aos problemas que todos nós enfrentamos no plano econômico, social e político. /.../ *Anônimos* pretende ser uma memória do cotidiano.

A declaração de Silviano Santiago sobre o texto de 2010 confirma a continuidade de um projeto em que memória, ficção e história continuam dialogando, e dialogando em diferença. Os modos de traçar a memória e a história alteram os modos de construir o ficcional. Memória ficcionalizada em tensão com o factual e o histórico faz da literatura um arquivo de possibilidades autobiográficas, históricas, artísticas e literárias. Apropriando-se dos arquivos, Silviano Santiago abala a lógica da arquivística – fidelidade, veracidade, autenticidade – expondo o que todo arquivo guarda em segredo: esquecimentos, fantasias, desejos inconfessos.

A postura indiscreta e transgressora desse escritor que se põe a devassar o modo como as pessoas organizam suas vidas, estabelecem suas relações, inventam estratégias de sobrevivência, trocam cartas de amizades, tem como consequência o desnudamento de situações flagradas em seus segredos inconfessáveis e indevassáveis. É assim que faz com a biografia de tio Mário, “a vergonha da família,” e com sua própria biografia, enquanto lembrança do contato com o tio Mário. (*Uma história em família*). Na ficção *Em liberdade*, ao apropriar-se despididamente (expressão do próprio Silviano) do eu, do corpo, da

família, dos amigos, da escrita, do estilo de Graciliano Ramos, propicia a irrupção dos desejos encarcerados nas *Memórias do cárcere*, tornando-os públicos. Em outra instância, a postura indiscreta invade a intimidade das cartas de Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, abrindo-as para uma leitura, retirando-as do espaço privado, apossando-se delas e ofertando-as aos leitores – “Suas cartas, nossas cartas” é, significativamente, o título da apresentação do livro *Carlos & Mário*. Ao violara intimidade das cartas de dois gigantes do modernismo, Silviano Santiago procede a uma releitura do passado, resgatando a memória do modernismo brasileiro e revendo a nossa História literária e cultural.

Por sua vez, através da pedagogia do falso e da mentira dramatizada em seus diversos textos ficcionais e ensaísticos, as narrativas de Santiago constroem um mosaico de retratos, que tanto flagram personalidades literárias, reinventando a vida literária e cultural no Brasil, como captam personagens do cotidiano, anônimos, cenas que exibem de maneira nua e crua, bruta, as mazelas das histórias individuais e coletivas, do passado e do presente. Assim, mesclam-se constantemente literatura e história, literatura e autobiografia, literatura e memória, promovendo um discurso híbrido, mobilizado por um paradoxo: o da mentira como a forma mais perfeita de dizer a verdade.

## REFERÊNCIAS

- MIRANDA, Wander Melo. Memória: modos de usar. In: CUNHA, Eneida Leal (Org.). *Leituras críticas sobre Silviano Santiago*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.p.97-107.
- SANTIAGO, Silviano. *Anônimos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- SANTIAGO, Silviano. *Heranças*. Romance. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- SANTIAGO, Silviano. Meditação sobre o ofício de criar. In: *Aletria*. V. 18. jul – dez. -2008.
- SANTIAGO, Silviano. Epílogo em 1ª pessoa; eu e as galinhas d'angola. In: ——— *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- SANTIAGO, Silviano. *O falso mentiroso: memórias*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- SANTIAGO, Silviano. *Carlos & Mário: correspondência completa*. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002.
- SANTIAGO, Silviano. *De cócoras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- SANTIAGO, Silviano. *Keith Jarrett no blue note*. (Improvisos do jazz). Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- SANTIAGO, Silviano. *Em Liberdade; ficção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.